



Diretor: L. MARQUES JUNIOR HOTE: 6 págs.

ANO XXIV Sessenta e seis Cidades: Cr. 2000000 Junho de 1964 Assinatura anual - Fera: Cr. 50.000,00 Administrativa e Oficina: Cr. 10.000,00 Rua Col. Joaquim Ferguson, 100, 2222 N. 1.38

A Câmara Municipal reuniu-se ordinariamente em dia 4 de 4 do corrente, sob a presidência do Dr. Abílio Pinheiro.

Resúnda de vereador - Portofolho de transferência de residência para outro município, sr. Ezevaldo Ribeiro Proietti, em virtude do casamento e da primeira suplência do Partido Social Democrático.

Comissão de Esportes - O vereador Antônio Batista exalou o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo sr. Epaminondas Sealeas à frente da Comissão Municipal de Esportes, e ao mesmo tempo de endeu-os staques que lhe foram dirigidos na última sessão da Câmara Municipal.

Festa de Santo Antônio - O vereador Lázaro Martellini, na qualidade de festeiro em loução a Santo Antônio, conviuiu os seus colegas para comparecer às solenidades que se realizarão no próximo dia 21.

Serviço de Água - Foi encaminhado à Câmara, pelo Prefeito, um projeto de lei destinado sobre a abertura de crédito especial na importância de Cr.5763.200,00, para a compra de um compensador de partida para motor de 25 cv a ser instalado na casa de bombas do serviço de abastecimento público de água.

Voto de pesar - Foi aprovado, pelo plenário, um requerimento do vereador Coimbra Filho, propondo a inserção, na ata dos trabalhos legislativos, de um voto de pesar pelo falecimento do sr. Lourenço Valveschi.

Criticas à administração passada - O vereador Coimbra Filho teve violentas criticas contra a administração do quadriênio anterior.

Parabéns - O plenário aprovou um requerimento do vereador Antônio Fenôlio, congratulando-se com o prof. Armando Del Giudice, pela sua nomeação para o cargo de diretor da Escola Agrícola, etc.

Estados municipais - Foi encaminhado ao efeito a indicação do vereador Waldir Torres, sugerindo seja organizada a Rôde Rodoviária Municipal, para melhoramentos nas estradas municipais.

Declaração de bens - O Prefeito Municipal encaminhou à Câmara, em cumprimento a preceito legal, a sua declaração de bens.

Serviços relevantes - Foi aprovado, em primeira discussão, o projeto de lei do vereador Dr. Abílio Pinheiro, considerando como relevantes os serviços prestados pelos professores e servidores do antigo Ginásio do Espírito Santo do Pinhal, hoje Instituto de Educação "Cardel Lemos".

Cemitério Municipal - A Câmara deliberou devolver ao executivo, para novos estudos, o projeto de lei do ex-prefeito, propondo a desapropriação de uma área de terreno para

ampliação do cemitério municipal.

Transição de sentença - Foi aprovado, pelo plenário, um requerimento do vereador Coimbra Filho, solicitando a inserção, na ata dos trabalhos legislativos, do teor da sentença do Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, encaminhando como boas as contas que o requerente prestou quando presidente da Comissão Municipal de Esportes, e negando provimento à impugnação feita pelo município.

Escola de Veterinária - O vereador Lázaro Martellini comunicou ao plenário as providências que adotou e as cartas que enviou a vários parlamentares, no sentido de conseguir a instalação da Escola de Medicina Veterinária.

Cassação de mandatos - O vereador Carlos Alberto Florença solicitou a convocação de uma sessão extraordinária para a Câmara deliberar sobre a cassação do mandato do vereador Getúlio Spinelli.

Promotoria Pública - O vereador Antônio Batista teceu várias considerações sobre as atividades desenvolvidas pelo promotor público da Comarca, Dr. José Guarino Marcos Garcia, elogiando e enalteçando a atuação brilhante dessa autoridade, que tem atuado sempre na defesa dos interesses dos humildes, principalmente dos operários, no desempenho de suas atribuições legais.

Defesa do ex-prefeito - O vereador Vítor Tamaso conclamou a todos os seus colegas para que trabalhem pelo Município, e ao mesmo tempo defendeu o ex-prefeito Antônio Costa das criticas que lhe foram feitas pelo ex-coleira Filho.

"Ouro para o Bem do Brasil." - O vereador Coimbra Filho contratou-se com os Diários Associados, pela campanha "Ouro para o Bem do Brasil", e ao mesmo tempo entregou ao presidente da Câmara, como contribuição à campanha, as alianças, sua e de sua esposa, bem como um cheque correspondente a um dia de trabalho de ambos.

Agradecimento - A família Janini, bastante sensibilizada, testemunha aos amigos e, em geral, ao bom povo desta cidade, os agradecimentos sinceros pelas demonstrações de amizade recebidas, no interesse de saber do estado de saúde de seu filho e irmão, atualmente doente em um acidente, na Capital.

Aproveita do ensejo para levar a todos a grata notícia de que o amigo e conterrâneo, a-chasado em um acidente, com o tempo, com a graça do senhor. Mais uma vez, aos parentes e amigos, a família Janini reafirma o seu profundo reconhecimento.

Pinhal, 7 de junho de 1964.

Assine este jornal e não o empreste. Coopere com a imprensa.

"Ouro para o Bem do Brasil"

O Dr. José Rubens Bartholomei, vice-presidente do Clube dos 21 irmos Amigos, e que se encontra licenciado, recebeu do Dr. Nilo Guilherme Lorenzi, ex-presidente do clube, atenciosa carta, incentivando os Irmãos Amigos para a cruzada cívica e patriótica da doação de ouro para o Bem do Brasil.

Devido a falta de espaço e tempo com que lidamos, sómente na próxima edição, poderemos conhecer o conteúdo do brilhante apelo do ex-magistrado da comarca.

A Comissão Executiva da campanha do ouro para o Bem do Brasil acaba de enviar ao sr. José Antônio Per-

nelles, 1.º secretário da Executiva local, a Carta-Autorização para funcionar a deste município.

Na semana que se inicia, deverão reunir-se os membros da Comissão Executiva desta cidade, para começar a campanha do ouro para o Bem do Brasil. Para a frente, José Antônio Per-

SOCIAIS

PARA A EUROPA No dia 2 deste, embarcaram para a Europa, com destino a Roma (Itália), Inglaterra e Malta, o sr. Joseph Carmello Camilleri e sua esposa Fátia Rosa Salomão Camilleri, filha da sr. Joana Sellitto Salomão, aqui residente. O casal visitará, em Malta, a genitora do sr. J. Camilleri.

LARES EM FESTAS

O lar da sr. Ivete A. Porreça Macedo e do sr. Darce Macedo, recebeu a visita da conchona dia 10 de junho passado: um belo garoto, que na pia batismal receberá o nome de Marco Antônio.

Está em festas, desde o dia 3 do corrente, o lar da sr. Conceição Aparecida Ribeiro Salvi e do sr. Olinto Salvi, com o assediamento de uma robusta menina, que na pia batismal, recebeu o nome de Maria Amélia, com a participação dos avós paternos, Pedro Salvi e Rosa Zerbetto Salvi, residentes em Andaraes, e os avós maternos, Lázaro Júlio Ribeiro e Amélia Mendes Ribeiro.

BODAS DE OURO

Ontem, a sra. Hemenegilda Pennini P. Cruz e o sr. Sebastião Pereira da Cruz, inconfundível aposentado do Município, viram transcorrer pelo século de seu enlace conjugal.

O estimado casal que se encontram em São Paulo, foi afluído nas manifestações de seus filhos que, assim, festejaram o grato acontecimento.

SO ANOS DE VIDA!

Transcorreu, ontem, o 50.º natalício do nosso amigo sr. Caetano Janinni, Parabéns.

Associação Rural de Pinhal

Associação Rural de Pinhal comunicou aos Senhores Associados da seguinte classe, que foi discutida na última Reunião, constando em Ata o PREÇO DO LEITE. Assim ficou constituído a partir do dia 8 de junho: 84,50 - Produtor 15,50 - Transporte 15,00 - Leteria 15,00 - Revendedor 115,00 - Consumidor

João Baptista Setório - Presidente Pinhal, 4 de junho de 1964.

Agradecimento

A família Valveschi, profundamente sensibilizada com as demonstrações de pesar, por ocasião do golpe súbito com a morte de seu querido chefe Lourenço Valveschi, agradece a amigos, parentes e pessoas religiosas, a presença na câmara ardente, funerais e missa pelo descanso eterno de seu benéfico pai, que tanto amou este nosso Pinhal.

A sua gratidão se estende a todos que lhe endereçaram cartas, cartões e telegramas, nessa solidicidade tão precisa em momento assim crulicante.

A família jamais esquecerá este testemunho de respeito à memória de quem foi cidadão prestativo e guia inabalável dos entes queridos em todo o se viver.

Pinhal, 7 de junho de 1964.

ATENÇÃO PINHALENSES!

Já se encontra à venda a "Pequena História da Civilização Pinhalense". Pedidos nesta redação com Oliveira Bastos, ou à rua Emerenciana Leite, 30.

LEIA E ASSINE A FOLHA







Representante em São Paulo e Rio de Janeiro: A. S. LARA LIDTA.

PINHAL, 7-8-1984 - Estado de São Paulo - Brasil - Número 1.608

# FALSAS COOPERATIVAS

Diante da campanha sistemática que vem sendo movida contra as cooperativas de cafeicultores, sinto-me na obrigação de vir, manifestar meu pensamento sobre o movimento cooperativista entre os lavradores de café, sobre a cooperativa a que pertenço e sobre essa campanha de difamação.

Antes de 1929, jamais passaria pela cabeça de um fazendeiro fazer parte de uma cooperativa e a ela entregar seu café. Seria uma humilhação naqueles tempos em que todo mundo roncava grosso. Embarcar café era demonstração de vitalidade e autodeterminação. Receber contas de venda para mostrar à noite no clube! Não se entendia muito bem as cifras com as despesas de armazenagem, impostos, quebra, ensaço, reensaço, viração, carga, descarga, etc., mas afinal, lá estava o preço líquido final, lá estava o preço líquido de tanto por saca, e isso é o que interessa. Não se podia dispensar o comissário.

Depois, as coisas mudaram, veio o tempo das vacas magras e o fazendeiro comeu duro. Acabaram-se os saques nos comissários. O dinheiro andava escasso e poucos podiam dar-se ao luxo de embarcar café e aguardar a sua venda em Santos. Era cômodo e vender em côco na tubia. As máquinas existentes nas fazendas foram se desmontando e acabaram sendo vendidas como ferro velho. Não havia dinheiro para puxar café, para pagar armazens, para sacaria, barbante, etc. A crise.

Aos poucos, todavia, a crise foi sendo superada, o fazendeiro foi se recuperando, as lavouras foram sendo renovadas, e, se não voltou à antiga situação de folga, pelo menos já se podia respirar com algum alívio. O café passou a dar alguma coisa, porém, não como aquela largueza de antes. O lucro era coisa incerta. Dependia da alta ou da baixa mas ninguém sabia se iria subir ou baixar. Era jograr na sorte. Sempre foi chavão no interior que "café é loteria".

O fazendeiro foi compreendendo que para ganhar com o café era preciso se virar, aumentar a produção, melhorar a qualidade, reduzir custos, e, principalmente diminuir aquelas despesas que oneravam o benefício e a comercialização. O lucro não aumentava, na redução dessas despesas. Foi quando as Associações Rurais do interior começaram a comprar enxada, arame farpado, formica, adubo, etc. para vender a preço de custo e seus associados.

Ainda que se não resolvesse, era o início do cooperativismo na cafeicultura. Mas o negócio das associações rurais, com raras exceções, não deu certo. Havia muita boa vontade, gente esforçada, muita experiência, intenso comercial, máfia, pessoas com

tempo suficiente para se dedicar a esse trabalho em prol da coletividade. Em suma, faltavam líderes experimentados. Mas, assim mesmo, alguma coisa deu certo, algum benefício foi trazido para o lavrador: O principal, entretanto, foi a consciência que se foi formando da necessidade de união para enfrentar as dificuldades. Começou a se falar em "vacas", para montagem de máquinas.

«Si a gente beneficiasse o café, em vez de vender em côco, sempre apuraria um pouco mais. Mas a "vacas" era uma cooperativa. — «Bem, então, vamos organizar a cooperativa!» «Mas quem será o gerente? Um não podia, outro não tinha tempo de fazer. — «O Zé Galvão? É direitinho, entende de café, não tem outro...» E assim, o Zé Galvão tornou-se gerente da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Jahu. Os céticos duvidaram. E começaram mesmo os comentários desfavoráveis. — «O Zé, na gerência! O Zé de Itapui! Não dá certo! Gosto muito dele, é meu amigo, mas o que ele entende de cooperativa? Foi quando meu irmão que estava na gerência da nossa fazenda chegou para mim: — «O pessoal me convidou para entrar de sócio...» nós sempre vendemos em côco para o Guapo, da Boacaina, sempre pagou direito, não discute... mas a gente precisa prestigiar... pelo menos eles estão com vontade e são de confiança... o gerente é o Zé, é trabalhador... tem também o Zézé Reis, o Jessé... o Izaltino...» Naquela ocasião... nossa fazenda

estava reduzida a uns 40.000 pés de novos colhos. Por cautela, entramos apenas com café velho, 16.000 pés.

Já se sabia que lá em Ribeirão Preto a cooperativa do Tomazinho Whatley já de vento em popa e estava exportando diretamente o seu café. — «Exportando café? Ah! Isso não! Qual o fazendeiro que entende de exportação?... isso é negócio complicado... só para quem entende... a gente vai dar com os burros d'água...» — «Além do mais, nós somos produtores e não comerciantes... eu acho que a gente deve beneficiar, embarcar e vender em Santos.» O Zézé Reis trouxe o Tomazinho a Jahu, conversou, o pessoal foi a Ribeirão Preto, viu, assuntou e voltou mais ou menos convencido de que exportação não era bicho de sete cabeças.

Foram a São Paulo, conversaram com o Darcy Stockler e acertaram entrar na exportação. Tímidamente, com precaução, só para experimentar. Pois não é que o negócio deu certo! Vieram as primeiras contas de venda. Sempre se apurava mais do que na Praça. E a gente falou: — «Hoje vendi meu café para a Alemanha, outro tinha vendido para a Suécia...» — «Mas como? para a Alemanha? para a Suécia? A gente respondeu que não sabia, que isso era coisa da cooperativa...»

E a cooperativa cresceu, prosperou, mostrou usina, alugou arrendez, construiu. Já tá arrancando, dizem que vai botar gongorita pra cristas e dá pra para pra colono. E gente entrou de sócio, quase todo mundo

do Jahu e das redondezas. O Zé Galvão também cresceu, virou bastante. E o Jessé Lira? — «Homem de cabeça tá li...»

É uma beleza! A gente entrou o café na cooperativa, lá recebeu, pesa, tira amostra, chacha prova, beba, cata, põe na latinha, compra barbante, compra saca, põe no IBC, no ensaço, marca, vai no Banco do Brasil, tira a cáculo rural, arranja financiamento, embarca, exporta, quebra os galhos, faz o diabo. Há dois meses vendi mais do que em Santos. E para a Itália. Apurou e contou por saca, posto no armazém da cooperativa aqui no Jahu, livre de despesa e de sacaria, di dinheiro limpo, aqui no bolso! Mas para isso o meu café passou vendendo pelas ruas de Santos. Santos do Jahu de caminhão, e foi direto para o costado do vapor. Não pagou corretagens, comissões, armazenagem, viração, ensaço, reensaço, amostragem, embalagem, desemballamento, etc. O que pagou, pagou aqui no Jahu, o dinheiro ficou no Jahu, pagou para a cooperativa, e a cooperativa é minha.

Encontro o Zé na rua, pergunto como é que vai o meu café. Vai bem, vai mal, vendeu, não vendeu. Vou na cooperativa, bato papo, tomo café, estrilo, do bufo, porque a cooperativa é minha e o pessoal é do peito. O Jessé vai a São Paulo, volta, fala pra gente que está na hora de vender, que está na hora de guardar, que acha que vai subir, que estão vindo se o Governo melhora o confisco, que o americano está com esse estoque, que o Paraná está pleiteando a hora de vender, que a safra é pequena, que o Governo está contra a lavoura, que o comércio quer ver se acaba com as cooperativas. A gente fica sabendo na hora, fica entendendo do negócio... «É! Por que eu estive com o Jessé... porque o Jessé falou... porque o Zé esteve no Rio...»

Pois bem, meus amigos, isso é Cooperativismo dos Cafeicultores da Zona de Jahu, que os interessados vão se dando conta de fazer parte. Chamam-na de falsa porque lhes dói a bôlso, porque não vêem mais no côco do nosso café, nem do nosso dinheiro. E como a do Jahu, existem dezenas de falsas pelo interior, em Ribeirão Preto, Lins, São Manoel, São José do Rio Preto, Araquara, Cândido Mota, Passos de Paulista, Pinhal, São João do Rio Paranaíba, Amparo, Bragança Paulista, Carmo de Minas, Dourado, Guaxupé, Jacareizinho, Itapecerica, Mococa, Pocos de Caldas, São Sebastião do Paraíso, Três Corações e outras.

O cooperativismo na cafeicultura, hoje, não é apenas um patrimônio material. É uma nova mentalidade e uma consciência. É, por isso, indelével. É uma potência. Potência resultante do slogan «a união faz a força». Rasga-se uma folha de papel, consegue-se rasgar algumas folhas de

papel juntas. Mas ninguém tem uma lâmina telefônica, milhares de folhas de papel juntas, uma lâmina telefônica nem hoje alguma, chamusca as beiradas!

Senhores negociantes que estão fazendo a campanha! O que estamos fazendo é cooperativismo autêntico e legítimo! O trabalho não lute e morreu. Ele se multiplicou. Então, não se seguidores ali no interior, líderes autênticos, gente de

Nós sabemos que a campanha que vocês estão pagando para fazer não é contra as falsas cooperativas e sim contra as verdadeiras e legítimas cooperativas. Nós sabemos que as falsas não tem recem perigo, porque mantêm ou mais tarde as acabam vendendo. Contra as falsas, não

Defendem. Vocês têm medo de administrar. Vocês não são formados por lavradores sacos. De nós, que já temos anos de café na Europa. Vocês não são para o exterior um nome. De nós, que começamos com exportação de umas poucas sacas e em poucos anos se abriu a casa do milhão. Nós beneficiamos o perigo para vocês, não lutam pela sobrevivência. Também temos o direito de lutar pela sobrevivência e de diminuir o preço que é nosso, do que somos duzimos. Para a receita de açúcar, para o preço do café, para o preço do porco, ou para o preço da nossa e para os trabalhos a dar nós fazendas internacionais. Não somos contra o preço do café, somos contra o preço que o café está pagando de vocês está dando.

Em vez de asoperarmos, geramos nos ouvidos do escuro, porque vocês não vão ter as nossas cooperativas. Baixem nível de preço, não fiscal de síco, fiscal de negócios, das, do DAC, do IPI, do imposto que querem! Converter o pessoal, gente queimada. Distúrbios gente suando, que usa botação. É enrola cigarro, que anda de lievano, que acompanha procrios, que de pipoca de palma para torremos de banda, que lustram aheira pra alma, que baldeia, rêsle, que tem terro de brespo para na esquina. Essa gente não dá mais puro e legítimo comissário de Brasil. Falso são vocês, não são nós.

Vocês cometeram um erro de crítica! Deveriam ter batido o cooperativismo e não estava nos cueros, mas tempo em que a gente não dá café pra vocês. Mas vocês acreditavam. Pensavam em nível de preço japonês, em nível de preço exportar café? Só riam e diziam vocês. Pois riam e não. E nunca mais deixaram de falar. Agora é tarde, porque o Central, porque temos o Central, porque temos o Central. Se vocês continuarem negligência, acabaram exportando nana!

## EXPRESSO PINHAL

Transporte de cargas entre Pinhal e São Paulo

Domicílio a domicílio — Rapidez e eficiência

Transporte de cargas entre São Paulo e Pinhal

O Expresso possui um caminhonete para a coleta e distribuição de encomendas

AGÊNCIAS:

PINHAL - R. Marquês do Herval, 363-Tel. 2565

ANDRADAS - Rua Cel. Oliveira, 720-Tel. 495

S. PAULO: R. João Theodoro, 1333-Tel. 9-4028

CONSULTE NOSSOS PREÇOS SEM PERDA DE TEMPO. DISQUE dois-cinco meia-cinco

AZOR DE TOLEDO BARROS  
RUA PIAUI, 292 - SÃO PAULO  
Sócio da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Jahu e da Cooperativa dos Cafeicultores de Apucarana.

Plantão-Farmácias HOJE:

**Central**  
P. Independência, 151-Tel. 2077

**Cruzeiro**  
Rua B. Mota Faria, 91-Tel. 2033

12 de junho... Dia dos Namorados! Presentes para «eles» somente

## na CASA BRASILEIRA

Vendas em prestações

RUA DIREITA, 63 - TELEFONE 2144 - PINHAL

Plantão-Farmácias-DIA HOJE:

**Cruzeiro do Sul**  
Rua Direita, 69 - Tel. 2033

**Martorano**  
R. Marq. Herval, 617-Tel. 2033